

Economia global também surpreendeu

Previsões para 2004 são as mais otimistas dos últimos anos

• As surpresas com o desempenho da economia não foram privilégio do Brasil. Num resultado improvável para um período marcado por guerra, atentados terroristas, escândalos financeiros e aumento nos déficits fiscais das maiores potências mundiais, 2003 chega ao fim com as previsões mais otimistas dos últimos anos para a economia mundial.

As estimativas do Citigroup, por exemplo, são de que o Produto Interno Bruto dos EUA (PIB) tenha um crescimento vigoroso, de 5%, em 2004. Os países da zona do euro devem sair de uma estagnação (alta do PIB de 0,5% em 2003) para uma expansão de 1,6%. E, pelo segundo ano consecutivo, o Japão pode crescer mais do que 2% em 2004. A economia global deve saltar de uma expansão de 2,8% este ano para 4% em 2004, prevê o Citigroup.

— O próximo ano deve ser o melhor do século XXI — brinca o economista José Alexandre Scheinkman, professor da Universidade de Princeton (EUA), numa referência ao fraco desempenho da economia global em 2001, 2002 e 2003.

O fluxo de recursos para países emergentes, que em 2003 atingiu o maior patamar desde 1995, deve continuar vigoroso. O economista Rubens Sardenberg, coordenador da Comissão de Acompanhamento Macroeconômico da Andima, lembra que as taxas de juros americanas estão no menor patamar dos últimos 45 anos. O baixo rendimento pagó a aplicadores nos EUA leva os investidores a buscarem outros mercados.

E não há previsão de alta nos juros americanos antes do fim de 2004. O economista Walter Molano, sócio do BCP Securities, banco de investimentos americano especializado em América Latina, lembra que os analistas mais pessimistas temem que a contínua desvalorização do dólar possa forçar os EUA a subirem os juros. Mesmo assim, isso só deve ocorrer após as eleições presidenciais americanas, ou seja, em novembro.

— O cenário internacional, pelo menos a curto prazo, é muito favorável. Os países centrais estão crescendo e há fluxo de capitais para emergentes — resume o economista Antônio Licha, da UFRJ. (LR)